

# NARRATIVAS DA DIVERSIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM TEMPOS DE URGÊNCIA

VIRGÍNIA MARIA VASCONCELOS LEAL  
Universidade de Brasília

O conceito de diversidade, em suas variadas concepções, está no centro de discussões relevantes em diferentes campos de conhecimento. O referido conceito dialoga com o binômio identidade/alteridade, em especial à criação de vínculos e respeito mútuo que torna a vida, humana e não-humana, possível. Afinal, valorizar as diferenças e a coexistência de alteridades é fundamental para o distanciamento de quaisquer ideias totalizadoras e/ou autoritárias, que nos distanciariam de um presente e futuro sustentáveis. A popularização da ideia de biodiversidade, entendida «como a diversidade de organismos vivos e espaços em que vivem, que compreende a variedade de genes dentro de espécies e populações; de espécies animais, vegetais e microorganismos; de processos ecológicos num ecossistema; e de comunidades e ecossistemas» (Mousinho 2003: 338), trouxe à tona questões urgentes, não só em sua faceta ecológica. Cada vez mais, tal noção tem incorporado também a espécie humana e suas produções simbólicas, culturais e artísticas. Como exemplo, vale destacar a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, proclamada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO 2001), quando, em seu parágrafo 1, afirma que «fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica o é para a natureza». Mesmo que, ainda em um paradigma dualista cultura/natureza, o documento da UNESCO é uma tentativa de fazer frente à crescente indústria cultural e massificação dos gostos e das produções simbólicas, a valorizar as identidades culturais locais,

culminando posteriormente na proteção dos patrimônios imateriais (Alves 2010). Agrega-se a isso a ideia das políticas identitárias, «desdobrada na luta pela defesa e promoção de diversas formas de reconhecimento identitário, como o sexual, étnico e racial» (Alves 2010: 542). Perspectivas mais contemporâneas têm questionado tal oposição binária entre o dado e o construído por uma teoria não-dualista da interação natureza-cultura, como defende Rosi Braidotti, a partir de uma nova epistemologia pós-antropocêntrica (Braidotti 2013: 13).

O presente monográfico destaca a relação entre as expressões de diversidade e a produção literária brasileira contemporânea que permite a valorização tanto de objetos literários não-convencionais quanto de formulações críticas inovadoras. Possibilita, ainda, pensar a literatura de tal forma a relacioná-la às «representações culturais, com modos de subjetivação e com a construção de identidades», como discorre Rita Terezinha Schmidt em «Centro e margens: notas sobre a historiografia literária» (2010). Tal relação viabiliza, ainda, segundo a autora, a análise dos modos de produção bem como dos mecanismos de construção das tradições literárias que, como nos apontam as obras historiográficas mais convencionais, desconsideraram a produção literária de mulheres, de povos indígenas e de escravizados, entre outros. Nesse sentido, o que é considerado diverso em relação à tradição permite olhar, também, o que continua a ser silenciado e desconsiderado na literatura brasileira contemporânea e, por extensão, na nossa constituição eminentemente diversa como nação.

As definições e limites do «literário», cuja ampliação e questionamento fazem parte de sua própria capacidade de sobrevivência no presente, constituem desafio nesse contexto. E, ao aproximar diversidade e literatura brasileira contemporânea, os desafios parecem aumentar. O Brasil contemporâneo, especialmente a partir da última eleição presidencial, em 2019, tem vivido contínuos ataques à diversidade, em todos os sentidos. As medidas governamentais, de espectro neoliberal, conservador e de extrema direita, afetam sobremaneira a seara cultural, educacional e ambiental. As consequências dessa gestão pública que, ademais, é absolutamente ineficiente do ponto de vista técnico, deno-

tam posturas ideológicas indefensáveis. Para além disso, assistimos ao desmantelamento de órgãos estatais ligados à proteção das populações indígenas e das remanescentes de quilombos, bem como às opções conservadoras adotadas pelo recém-criado Ministério da Mulher, da Família (assim no singular) e dos Direitos Humanos, que pressupõe um modelo único para identidades e possibilidades tão diversas. Cabe destacar, é claro, a fragilização da política ambiental e de institutos governamentais especializados na proteção da biodiversidade.

Não se pode negar que a literatura é um modo discursivo importante e mantém legitimidade e prestígio social. Como qualquer forma de expressão simbólica, cada vez torna-se mais difícil sustentar uma pretensa autonomia da teoria e dos estudos literários frente a outros discursos e saberes, seja pela instabilidade do próprio objeto, seja pelas inúmeras abordagens de crítica e, mais contemporaneamente, pela presença forte do mercado e da indústria cultural, além da ambientação política e ecológica. Pelo lado da autoria, a chegada de novas vozes, pertencentes a grupos sociais até então tornados invisíveis no campo literário, tem provocado mudanças perceptíveis no tocante à representação de grupos marginalizados e ao próprio estado do campo literário.

Tanto as pesquisas de revisão historiográfica na produção literária dos cânones tradicionais quanto novos olhares para a literatura contemporânea, como apontado anteriormente, possibilitam maior diversidade de representações a respeito do mundo e de nós mesmas/os. As pesquisas sobre a representação literária de grupos minorizados ou de certos estilos não-canonizados precisam ser sempre incentivadas, aprofundadas no Brasil. Certos grupos são invisibilizados e deslegitimados tanto no campo político quanto no literário, ainda mais no contexto atual. Vale recordar a definição de Iris Marion Young para grupo social, como «um coletivo de pessoas que se diferencia de pelo menos outro grupo através de formas culturais, práticas e modo de vida» (Young 2000: 77, tradução nossa) e sofre opressão e violência sistemáticas pelo simples fato de pertencer a esse grupo. Entre as várias formas de opressão, destaca-se a pretensão universalizante dos produtos culturais (denominado por ela de «imperialismo cultural») mais amplamente disseminados, ou

seja, aqueles dos grupos dominantes, que sempre sinalizam os grupos dominados como «outros» e disseminam suas experiências de vida como «universais» ou «normais». Como salienta Young, aqueles culturalmente dominados vivem uma opressão paradoxal, pois são apontados tanto por meio de estereótipos, «naturalizados» e, ao mesmo tempo, se tornam «invisíveis», uma vez que não se identificam com as imagens estereotipadas que as identificam. Tal processo faz surgir uma dupla consciência quando as oprimidas e oprimidos resistem a compartilhar esses estereótipos sobre si mesmas, ao mesmo tempo que só recebem da cultura dominante a marca estereotipada de ser diferente e inferior. Assim, uma das possibilidades de, pelo menos, estremecer a repetição continuada das mesmas imagens seria a afirmação de experiências culturais específicas de determinados grupos, sem se tornar invisíveis na pretensa normalidade e universalidade. Portanto, viabilizar pesquisas e publicações que tragam diversidade às representações literárias continuamente repetidas torna-se importante.

Além disso, não se deve perder de vista que «a literatura não é apenas um meio que a consciência tomaria emprestado para se exprimir, é também um ato que implica instituições, define um regime enunciativo e papéis específicos dentro de uma sociedade» (Maingueneau 1995: 7). Tal definição de literatura considera as obras literárias não como uma simples representação de um contexto externo. Para ele, elas «falam efetivamente do mundo, mas sua enunciação é parte integrante do mundo que pretensamente representam». Ao «representarem» o mundo, os autores e autoras estão também o recriando continuamente. Trata-se, enfim, de uma resistência epistemológica centrada em um olhar sobre as expressões da diversidade na literatura brasileira contemporânea, a buscar a possibilidade de interferência na hegemonia de imagens continuamente repetidas.

Todos os ensaios que compõem o monográfico «Expressões da diversidade na literatura contemporânea brasileira» do número 9 de *Abriu: estudos de textualidade do Brasil, Galicia e Portugal* buscam olhares sobre as possibilidades de interferência em noções rígidas do que seria a «literatura brasileira» ou, em um exercício mais radical, longe de quaisquer imagens rígidas e unificadoras de um Brasil perigosamente a fler-

tar com um modelo de pensamento único de uma «maioria» idealizada. Anderson Luís Nunes da Mata nos traz análise sobre os jovens leitores LGBTQI+, a partir das redes sociais de leitura, ainda mais no horizonte de adversidade contemporânea, que fomentam as entradas e saídas do armário do grupo vulnerabilizado pelo governo atual. E, aprofundando a vulnerabilidade de um grupo identitário, Manuela Rodrigues Santos discute a experiência transsexual e a construção do corpo decolonial, entre o desejo e a abjeção, a partir do romance de Marcelo Pedreira, *A inevitável história de Letícia Diniz*.

Por sua vez, Lúcia Osana Zolin destaca o movimento *Mulherio das Letras*, coletivo de escritoras empenhadas em romper a invisibilidade da experiência diversa das experiências femininas, cujo resultado foi uma série de publicações artesanais que reúnem centenas de narrativas curtas com múltiplas perspectivas. A autoria feminina negra, fundamental para a compreensão da literatura brasileira contemporânea, é analisada por Pollianna de Fátima Santos Freire, a partir das obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Outra escritora abordada é Ana Paula Maia e sua literatura visceral, com seus personagens a realizar trabalhos invisibilizados pela ordem capitalista vigente, como no seu romance *Carvão Animal*, analisado por Maristela Scremin Valério. Por fim, Thalita Ruth Sousa e Naiara Sales Araújo Santos discutem gênero literário marginalizado pelo cânone tradicional, que é a ficção científica, ao fazer um panorama do gênero no Brasil, com foco nas relações entre a tecnologia e o Complexo de Frankenstein, a partir da obra do escritor José Fernandes.

Sim, é um pequeno recorte e, talvez, a maior falta, se pensarmos em diversidade, é a literatura indígena (sugere-se o volume temático Fiorrotti e Mandagará 2018) que tanto nos fala de sustentabilidade, bem como outros gêneros literários como a poesia, teatro e canção. Permanece, então, o convite para explorar a diversidade da literatura brasileira, não só nos excelentes artigos de autoria brasileira aqui presentes, mas a partir de leituras e pesquisas posteriores. Por fim, agradeço à equipe editorial da *Abriu*, em especial à professora Helena González Fernández, que possibilitou a presente edição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Elder Patrick Maia (2010). «Diversidade Cultural, Patrimônio Cultural Material e Cultura Popular: a Unesco e a Construção de um Universalismo Global». *Revista Sociedade e Estado*, 25 (3), 539-560.
- BRAIDOTTI, Rosi (2015). *Lo posthumano*. Trad. Juan Carlos Gentile Vitale. Barcelona: Gedisa.
- FIOROTTI, Devair; MANDAGARÁ, Pedro (org.) (2018). «Contemporaneidades ameríndias». Monográfico de *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, 53. [Em linha] [30 janeiro 2020] <<https://www.gelbc.com/ed53>>.
- MAINGUENEAU, Dominique (1995). *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes.
- MOUSINHO, Patrícia (2003). «Glossário». Trigueiro, André (ed.). *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental em suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante.
- SCHMIDT, Rita Terezinha (2010). «Centro e margens: notas sobre a historiografia literária». Regina Dalcastagnè; Virgínia M.<sup>a</sup> Vasconcelos Leal (ed.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte.
- UNESCO (2001). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural* (2020). [Em linha] [30 janeiro 2020]. <[http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTI\\_MEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration\\_cultural\\_diversity\\_pt.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTI_MEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf)>.
- YOUNG, Iris Marion (2000). *La justicia y la política de la diferencia*. Trad. Silvana Álvarez. Madrid: Cátedra.